



Perímetro Florestal da Contenda

Arborizações desde 1958/1963



O que mudou?



Análise histórica da influência dos factores que contribuem para a perda de vitalidade dos Montados

Alcoutim, 8 de Março de 2010

Centro Nacional de Valorização do Montado



“... Nos chaparros, sobreiros e sobreiras, isto é, desde a mais nova até à mais velha, há moléstia nova que as vai definhando e matando, ou então não há explicação para o facto de, em uma ou outra mancha de montado de sobro, morrerem as árvores sem causa visível.”

José Veríssimo de Almeida, 1898

J. Marques de Carvalho ainda em 1898, conta uma caso ocorrido numa área circunscrita onde se deu uma mortandade, que se julgou ser epidemia, embora este autor tenha atribuído a causas climatéricas, nomeadamente à precipitação.



*“... Havia exemplos dos sobreiros terem perdido a vegetação durante três anos consecutivos e recuperarem-na depois. Em 1874 muitos sobreiros perderam completamente a folha durante o Inverno, e muitos não produziram renovos na Primavera de 1875, renovando-se frondosamente em 1876. Foi em 1875 que vimos cortar grandes sobreiros numa Herdade do concelho de Évora **porque foram considerados secos e apenas tinham falta de vegetação temporária.**”*

Júlio Area Y Campos, 1884



“... Interrogados vários camponeses disseram que *“noutros montados próximos havia estragos maiores e que o mal vinha de cima, manifestando-se primeiro no alto da copa e seguindo até um certo ponto numa mancha descendente”* existindo comentários de que na Golegã alguns sobreiros secavam em 4 ou 5 dias...”

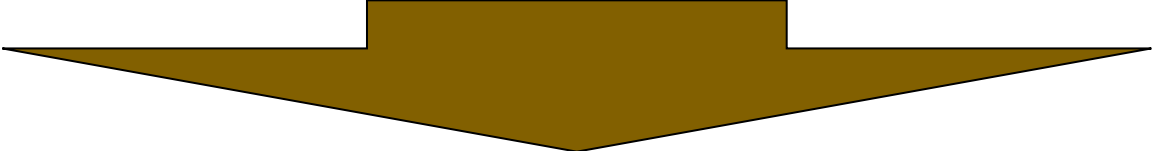
Baptista Ramires, 1899

“...O potencial suberícola tende a debilitar-se no Sul (...). O quadro seria francamente sombrio se regiões não houvesse onde o comedimento no cultivo evitou a ruína prematura de algumas formosas manchas de montado (Baixas do Sorraia, Mora, Brotas Montemor-o-Novo, Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Ponte de Sôr, Monforte, Serra do Algarve, etc)...”
In Subericultura, 1950



Outras referências sobre a anormal mortalidade do montado em Portugal:

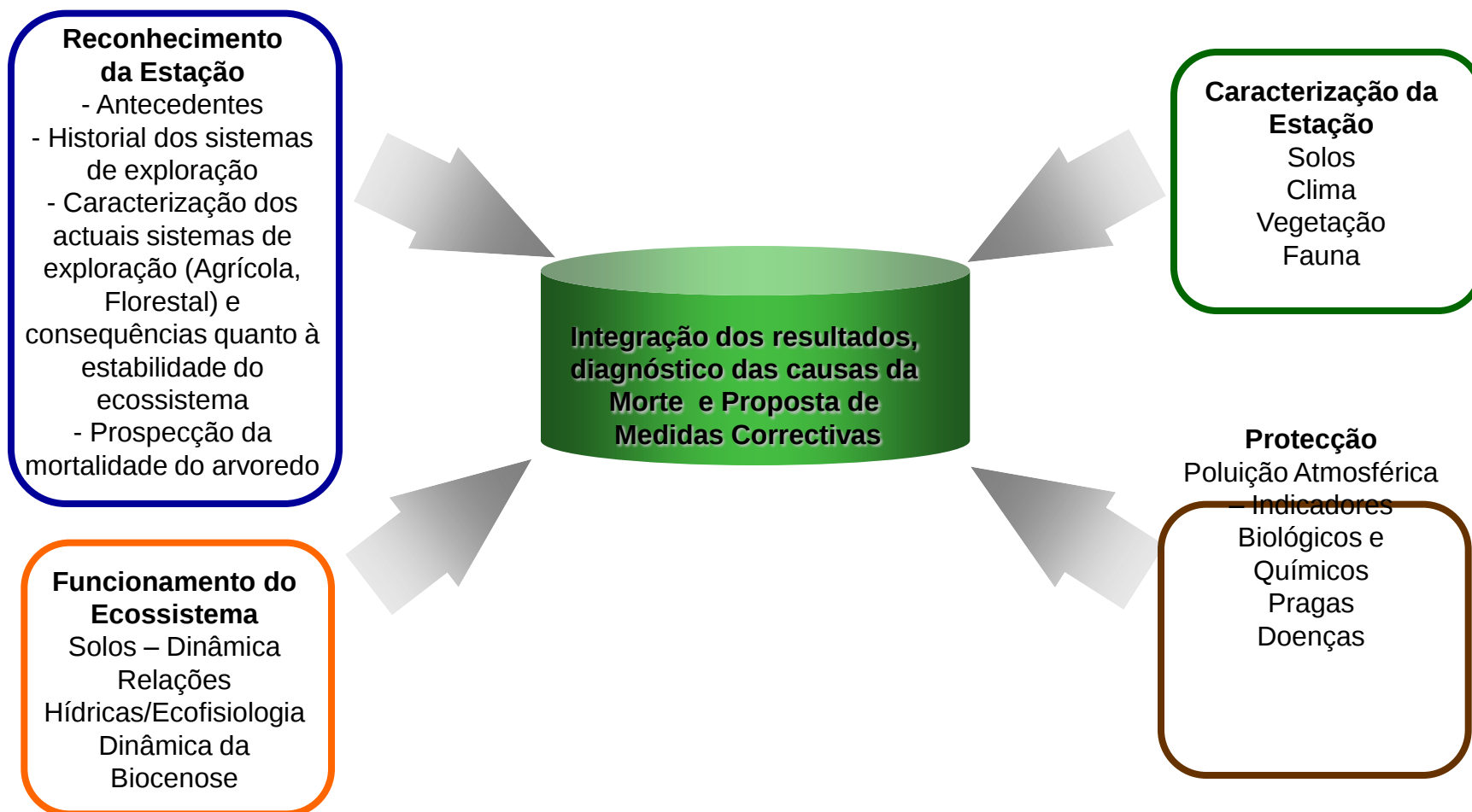
- ☞ Lopes Pimentel – 1946
- ☞ Baeta Neves – 1948
- ☞ Serrão Nogueira – 1978



Estas referências, numa primeira análise, permitem desde logo verificar que há mais de um século já ocorriam no montado de sobro situações anómalas, conquanto se não possa estabelecer um paralelo com a situação actual.



Estrutura do Projecto – “Contributo para a determinação das causas de morte de sobreiros na região de Santiago do Cacém



Diagnóstico Síntese

- **Factores que predispoem**

- Solos marginais com fraca capacidade de retenção de água em zonas climáticas de fraca pluviosidade
- Dualidade de entidades que exploram o ecossistema com interesses antagónicos
- Mobilizações continuadas de solos pobres

- **Factores que desencadeiam**

- Factores climáticos de seca e/ou temperaturas elevadas
- Utilização de maquinaria inadequada.
- Podas exageradas
- Sobrepastoreio

- **Factores que aceleram**

- Acção de agentes bióticos oportunistas



MEDIDAS CORRECTIVAS INDICATIVAS

Práticas Culturais

- Reduzir as podas, privilegiando as de formação
- Promover desbastes sanitários
- Maneio de matos de modo a que não se atinja o estado regressivo
- Correções do nível de fertilidade do solo (desequilíbrios de potássio, cálcio e magnésio)

Descortiçamento

- Condicionar o descortiçamento ao estado vegetativo do sobreiro
- Em anos de seca ou de acidentes meteorológicos não descortiar

Protecção Integrada

- Remover árvores mortas ou com evidentes sinais de decrepitude
- Remover despojos de podas e abates em zonas afectadas
- Impor medidas de protecção sanitária com desinfecção dos equipamentos de descortiçamento, afim de evitar agentes patogénicos



INVENTÁRIO NACIONAL DE MORTALIDADE DE SOBREIRO NA FOTOGRAFIA AÉREA DIGITAL DE 2004/2006

Parceria entre a AFN e a Universidade de Évora

Objectivos:

- Identificação e delimitação dos povoamentos de sobreiro;
- Identificação e quantificação de sobreiros com sinais de declínio;
- Análise da distribuição espacial das zonas de declínio associado às limitações do solo, ao declive e à distribuição da precipitação.



Metodologia Resumida

**Análise da
fotografia
aérea digital
do voo
2004/2006**

**Tratamento
espectral:
permitiu
identificar
as árvores
com sinais
de
declínio**

**Cálculo do índice
de mortalidade
(densidade de
árvores
mortas/grau de
coberto)**

**Cruzamento do
índice de
mortalidade com
classes
características
diagnóstico,
declives e
classes de
precipitação.**

CONCLUSÕES DESTE ESTUDO

- ✓ A mortalidade mais grave verifica-se nas áreas de menor grau de coberto

Os solos onde se verificam maiores índices de mortalidade



- Solos com problemas de drenagem externa e interna
- Características que estão ligadas com a profundidade de solo disponível para as árvores

- Classe de declives 15-35%



- Nas áreas de declive inferior a 15% a erosão do solo não é tão acentuada;
- Acima dos 35% de declive a mobilização do solo é menos intensiva, o que pode justificar a menor taxa de mortalidade



A GESTÃO DEVERÁ SER AJUSTADA NOS SEGUINTE PONTOS:

- a) A estrutura do povoamento deve inequívoca, incluindo **classes de árvores jovens** regeneradas periodicamente.
- b) A gestão do sob-coberto tem de evoluir para **formas menos intensas de mobilização do solo** combinando as diversas tecnologias existentes (corta-matos, destroçadores, grades de discos, etc.) com a pastorícia.
- c) O sistema agro-silvo-pastoril deve ser mantido pois o **uso múltiplo** destas áreas é que permite manter o potencial produtivo prevenindo a desertificação.



CENTRO NACIONAL DE VALORIZAÇÃO DO MONTADO

- ☐ Foi inaugurado a 22 de Outubro de 2008 pelo Sr. Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e Pescas, Dr. Jaime Silva.
- ☐ A criação deste Centro constitui o reconhecimento da importância económica do Sobreiro e da Azinheira, bem como da necessidade de desenvolver esforços de preservar estes sistemas florestais, indispensáveis à manutenção da biodiversidade e à luta contra a desertificação.

www.portel.pt



**Centro
Nacional
do
Montado**



Ministério
da Agricultura,
Desenvolvimento
Rural e Pescas



portel
Instituto



www.portel.pt

Atribuições

Pretende-se que o Centro funcione com uma estrutura leve, flexível, dinâmica e eficaz.

Consideram-se 4 grandes eixos de actuação:

- 1) Formação e divulgação;
- 2) Cooperação internacional;
- 3) Promoção de parcerias;
- 4) Gestão.

Centro
Nacional
do
Montado

Ministério
da Agricultura,
Desenvolvimento
Rural e Pescas

portel
Instituto



Funcionamento direccionado para o:

Interior

- Uniformização dos critérios de decisão da estrutura vertical.
- Elaboração de uma base de dados nacional de pedidos de autorização de podas e desbastes.
- Elaboração de uma base de dados de documentos técnicos relativos aos montados.
- Recolha de informação e execução de fichas técnicas sobre montados:
 - Silvicultura
 - Sanidade
 - Cortiça
 - Outros bens e produtos
 - Regeneração / Arborização
 - Incêndios Florestais
 - Frutos

www.portel.pt



Centro
Nacional
do
Montado



Ministério
da Agricultura,
Desenvolvimento
Rural e Pescas



portel
nacional



www.portel.pt



**Centro
Nacional
do
Montado**



Ministério
da Agricultura,
Desenvolvimento
Rural e Pescas



portel
Instituto

Exterior:

- ❑ Acompanhamento técnico aos produtores
- ❑ Parcerias Internacionais
- ❑ Parcerias com Institutos de Investigação, Universidades, Organizações de Produtores Florestais e possivelmente com o Observatório do Sobreiro e da Cortiça, localizado em Coruche .



CONCLUSÕES

- ✓ A perda de vitalidade é gerada por múltiplos factores (situação aceite por todos os investigadores que se dedicam a esta matéria)
- ✓ Torna-se necessário actuar de forma abrangente sobre os factores passíveis de controlo
- ✓ Existe conhecimento técnico e científico suficiente para inverter a grande maioria das situações de declínio

Torna-se necessário:

- ✓ Que o produtor acredite nos resultados da investigação e aceite as medidas preconizadas para cada caso
- ✓ Que o produtor disponha de meios financeiros que possam suportar os encargos de um investimento a longo prazo.



Com base em instrumentos de planeamento e investigação disponíveis, podem-se identificar prioridades e construir grandes planos de recuperação de montados de Sobro e Azinho (Serra Algarvia, Serra de Portel, Margem Esquerda do Guadiana, Serra de Serpa, etc.). Para cada região poderá ser elaborado um plano local de intervenção de modo a ancorar os projectos específicos (individuais) para a manutenção e/ou recuperação do montado.

Meios Financeiros:

- Meios disponíveis do produtor para investir
- Fundos comunitários (PRODER)
- Fundo Florestal Permanente
- Mercado de carbono
- Pagamento de serviços ambientais



Arborizações no Baixo Alentejo

- O apoio público ao investimento nos espaços florestais do Baixo Alentejo incidiu em acções de arborização e em menor proporção em acções de beneficiação.
- Foi durante a segunda parte da década de 90, que se verificou a maior percentagem de investimento e de área arborizada.
- Os concelhos de Mértola, Almodôvar e Ourique foram os mais arborizados.
- As espécies mais utilizadas foram o sobreiro, a azinheira e o pinheiro-manso.
- Devem ser tomadas precauções especiais, no sentido da manutenção e preservação destes espaços florestais.



Algumas propostas sobre o que fazer?

- Promover a condução dos povoamentos florestais garantindo uma maior diversificação e valorização dos produtos florestais.
- Aumentar o conhecimento técnico na gestão florestal.
- Planear as novas arborizações tendo em conta o potencial aumento do risco de incêndio.
- Garantir um coberto florestal adequado em zonas susceptíveis à desertificação e desenvolver espaços florestais que garantam a protecção do solo e da água.
- Fomentar a investigação e promover a implementação de medidas com vista à recuperação da área de montado.



- Incrementar o nível de intervenção do associativismo na divulgação e implementação de conhecimentos técnicos e de gestão florestal.
- Promover formas de exploração dos espaços florestais que sejam geradoras de emprego na região.
- Incentivar a procura e identificação de povoamentos para recolha de material de reprodução florestal de azinheira.
- Promover a compatibilização do uso agrícola, pastoril e florestal.